

ANÁLISE DO POEMA *AGADÁ 'AL YELADIM SHENADDU BAYARUT* DE NATAN  
ALTERMAN, COM BASE NA SOCIOLINGÜÍSTICA E PRAGMÁTICA  
LITERÁRIA

Anna Cecília de Paula Cruz\*<sup>1</sup>

USP

Resumo: Este trabalho apresenta uma breve análise do poema *AGADÁ 'AL YELADIM SHENADDU BAYARUT* (Lenda sobre as crianças que vagavam pela floresta) de Natan Alterman, com base no contexto histórico de multilinguismo do autor e nos conceitos de diglossia e multilinguismo desenvolvidos por Ferguson. Mostraremos como a literatura pode reproduzir as tensões presentes em uma sociedade fragmentada pela linguagem, em que vários registros e línguas coexistem, mas apenas alguns são socialmente valorizados e aceitos.

Palavras-chave: Sociolingüística, multilingüismo, diglossia, Natan Alterman

Abstract: This work presents a short analysis of Alterman's poem: *AGAD 'AL YELADIM SHENADDU BAYARUT*. The analysis is based on his historical context of multiculturalism and on the concepts of diglossia and multilingualism supported by Ferguson. We will show how literature can reproduce the tensions that there are in a society fragmented by language, where several registers and languages coexist but only a few are valued and accepted by that society.

Key-words: Sociolinguistic, multilingualism, diglossia, Natan Alterman.

Natan Alterman nasceu em 1910, na Polônia, numa família envolvida com a causa judaica. Seu pai traduziu e adaptou várias histórias infantis e seu tio, além destas tarefas também criou várias histórias infantis. Este ambiente muito influenciou o poeta que se muda para a Palestina com a família em 1925 e inicia aí um relevante trabalho no campo da literatura e do jornalismo. A história do autor, assim como seu engajamento político e sua irreverência na escrita foram fatores que influenciaram nossa escolha pelo poeta e por sua obra como objetos de estudo deste trabalho. Este prevê uma breve análise do poema *Agadá 'al yeladim shenaddu bayarut* com base nos aspectos ideológicos e de multilinguismo.

Apoiando-nos no contexto histórico em que a poesia foi publicada, teceremos algumas considerações acerca do poema já mencionado. Este foi publicado no Jornal Haaretz, Coluna Regaim (Momentos), na Palestina, em 1938. Os acontecimentos que influenciaram o autor e que marcam a leitura do poema são, entre outros, a tensão existente no período pré-holocausto e pré-II Guerra Mundial, a situação dos judeus na

---

\* Mestranda do Departamento de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas, da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo.

Europa cada vez mais delicada, principalmente, na Alemanha, e a influência dos ideais sionistas. Tendo em vista a trajetória do poeta poliglota, agrônomo, modernista etc, e a teoria desenvolvida por FERGUSON dentro da sociolingüística e pragmática literária, sobre diglossia e multilingüismo, observaremos os fatores ideológicos subjacentes ao autor e à sua obra, principalmente, ao poema em questão, e possíveis indícios da coexistência de mais de um sistema lingüístico numa situação de hierarquia.

No que se refere à teoria de FERGUSON, focaremos a distinção que este estabelece entre variedades alta e baixa. Para o autor toda relação de diglossia ou bilingüismo (ou multilingüismo), numa dada comunidade de fala, implica em hierarquias, sendo uma variedade lingüística (ou uma língua) de maior prestígio que outra.

Por fim, discutiremos a intertextualidade do poema com um dos contos dos Irmãos Grimm e seu valor político e ideológico tendo como base, entre outros autores, ROZENCHAN e HIRCHZON.

## SOBRE O AUTOR

Natan Alterman nasceu na Polônia, na cidade de Varsóvia. Seu pai e seu tio ensinavam hebraico e, pelas cidades onde passavam, criavam Jardins de infância, para ensino da língua hebraica. Seu pai traduziu e adaptou várias histórias infantis e seu tio, além destas tarefas, também criou várias histórias infantis. Este ambiente literário muito influenciou o poeta.

Em 1914 a família de Alterman se mudou para Moscou e aí se fixou até 1918, quando a Revolução Russa os fizeram seguir para Kiev, na Ucrânia. No ano de 1919, se mudaram para Kíshniv, na Romênia, e enfim, esgotados e movidos pelo ideal sionista se dirigiram para a Palestina em 1925.

Seu pai, como já mencionado, era envolvido com a educação infantil. Criou o primeiro jardim de infância Hebraico modernizado de Varsóvia, antes que Alterman nascesse. Preocupava-se muito com este campo e, ao que parece, dedicou-se, quase que exclusivamente, à educação infantil até que as alterações das leis proibiram a liberdade de expressão.

Na Palestina, Alterman foi educado, convivendo, diretamente, com os ideais sionistas, uma vez que vivia num *Ishuv*. Terminou os estudos normais na Palestina e em seguida foi estudar agronomia em Paris, seguindo as tradições e necessidades do *Ishuv*,

cuja economia e organização giravam em torno da agricultura de subsistência. Retornou logo em seguida para a Palestina e, aí, iniciou um trabalho dedicado à imprensa e à literatura (teatro, poesia e tradução). Manteve durante toda sua vida uma coluna semanal em que se manifestava sobre assuntos do momento e onde publicou a poesia em questão. A primeira destas colunas foi *Regaim* (Momentos), publicada no Haaretz de 1934 a 1942. O conjunto de suas colunas, ele publicou, posteriormente, como “poemas de época de jornal”.

Alterman era poliglota, falava, entre outras línguas, hebraico, iídiche, inglês, francês, alemão, italiano e russo. Traduziu para o Hebraico grandes clássicos da literatura Universal de diferentes línguas e culturas: Racine, Shakespeare, Molière, contos e poesias infantis do Iídiche, entre outros. Como seu pai era professor de hebraico, deve ter começado a aprender a língua ainda criança, o que explica sua desenvoltura para a escrita literária neste código lingüístico. Contudo, sua língua materna, provavelmente, pode ter sido o iídiche (falado em casa). Simultaneamente, deve ter aprendido as línguas das cidades (países) por onde sua família passou (entre elas o alemão, o russo e o polaco).

De acordo com Rozenchan (2004), antes da II Guerra Mundial, o envolvimento dos judeus na Palestina com os que haviam ficado na Europa era intenso. Os judeus que se dirigiram à Palestina, nas primeiras décadas do século XX, ou foram movidos pelos ideais sionistas de construção de uma nação (país) própria, ou vinham movidos por desconfortos e perseguições, fugindo do anti-semitismo que perseguia os judeus na Europa, ou vieram quando a situação se tornou realmente alarmante, na década de 30, em particular, na Alemanha e eram solidários com aqueles que não conseguiram ou não quiseram fugir.

Assim, na maior parte da obra, da primeira fase do autor, nota-se a influência dos ideais sionistas de reconstrução do país (Israel), do modelo do hebreu novo: trabalhador, falante do hebraico, desvinculado das tradições judaicas provenientes do velho continente europeu; e etc. Além destes ideais, encontramos, na obra de Alterman, características do modernismo que despontava em toda a Europa, ditando novas normas de expressão. Deste modo, o poeta trata de temas que demonstram preocupação com a situação dos judeus na Europa, sobretudo, na Alemanha, e com o futuro dos judeus na Palestina. Sua escrita revela um estilo bastante moderno e inovador. O poema que escolhemos para este estudo e que analisaremos em seguida é um bom exemplo desta preocupação temática e da influência sintomática do modernismo emergente.

Com sua manipulação do hebraico coloquial, o poeta inovou o estilo poético da tradição (dos autores que escreviam em hebraico) da época. Foi considerado de grande valor para a poesia israelense e hebraica. Além disso, inovou mesclando temas e histórias infantis com assuntos políticos e atuais, nas poesias para adultos. Também mesclava, irreverentemente, a linguagem culta e a linguagem cotidiana. Como jornalista, comentou, em poemas satíricos de grande mordacidade e ironia, acontecimentos políticos e sociais contemporâneos, matéria esta, posteriormente, reunida em livro.

Alterman faz parte do grupo dos principais representantes da segunda geração de poetas israelenses e a dos anos anteriores ao estabelecimento do estado de Israel e imediatamente depois. Entre os poetas desta geração se destacam, além de Alterman: Avraham Shlonsky, Lea Goldberg e Uri Zvi Greenberg. Esta segunda geração de poetas foi responsável pela introdução do ritmo do hebraico coloquial quotidiano na poesia. Eles fizeram renascer velhas expressões e cunharam outras novas, dando ao idioma milenário uma nova flexibilidade e riqueza. A poesia deste período, fortemente influenciada pelo futurismo e simbolismo russos, assim como pelo expressionismo alemão, tendia para uma estrutura e melodia clássicas, com rimas ordenadas. Refletia imagens e paisagens do país onde o poeta nascera e visões mais recentes da nova pátria, em tom heróico; memórias de "lá" e o desejo de aprofundar raízes "aqui", que exprimiam, conforme escreveu Lea Goldberg, "a dor de duas pátrias". Muitos destes poemas deram origem a canções e tornaram-se parte integrante do novo folclore nacional. Os trabalhos de Alterman, muitos dos quais se destacam por seu caráter político, acompanham todos os estágios do desenvolvimento da comunidade judaica e se caracterizam pela riqueza de linguagem e variedade de formas, tonalidade e ritmo das imagens e metáforas.

## SOCIOLINGÜÍSTICA: DIGLOSSIA E MULTILINGUISMO

Quando se estuda a cultura e a literatura do povo judeu ou de povos que têm durante sua história uma constante relação (de diferentes naturezas) com mais de uma língua, é difícil não considerar a teoria lingüística de FERGUSON (1964). Assim, tentaremos apresentar alguns pontos importantes da teoria deste autor sobre a situação de diglossia e multilinguismo vivida no período em que Alterman produziu sua obra.

O termo Diglossia foi introduzido pelo francês William Marçais, em 1930.

Ele o definiu, nas comunidades árabes, como “La concurrence entre une langue savante écrite et une langue vulgaire, parfois exclusivement parlée...”. Mas, a referência clássica mais precisa na lingüística deve-se a FERGUNSON (1964). Para este teórico, a diglossia se verifica em comunidades onde há uma situação em que duas variedades da mesma língua são usadas para diferentes funções. Apesar das diferenças estruturais (fonológicas, lexicais, morfológicas e gramaticais) entre ambas formas, estas são estreitamente relacionadas e empregadas em situações específicas a cada uma.

Diglossia is a relatively stable language situation in which, in addition to the primary dialects of the language (which may include a standard or regional standards) there is a very divergent, highly codified (often grammatically more complex) superposed variety, the vehicle of a large and respected body of written literature, either of an earlier period or in an another speech community, which is learned largely by formal education and is used for most written and formal spoken purposes but is not used by any sector of the community for ordinary conversation (FERGUSON, 1964, p.4).

Com base nestas afirmações, FERGUSON propõe a divisão das variedades lingüísticas coexistentes em: variedade alta e variedade baixa. A primeira é considerada a de prestígio e a segunda é a menos prestigiada social e culturalmente. FERGUSON apresenta as características da diglossia de acordo com esta divisão em variedade H e L (high e low).

A variedade alta é, geralmente, usada em situações mais formais. É a preferida para a forma escrita, como em jornais, revistas, burocracia, escrita científica e técnica, ou na forma falada, encorpada nos discursos políticos, conferências, e na transmissão de noticiários pela TV. Esta variedade lingüística é a ensinada nas escolas, têm uma herança literária que serve de base para sua padronização. É, geralmente, a língua do estado.

A variedade baixa é a variedade do uso diário, informal, a língua usada em casa. Divide-se em diferentes variedades dialetais. Geralmente, não é ensinada na escola de forma sistemática e raramente aparece na forma escrita.

Todas estas características apresentadas por FERGUSON se encaixam nas variáveis consideradas por FISHMAN (1967 apud SCHIFFMAN 1999- NET 2006). Este autor, ao pesquisar diglossia,

(...) has concentrated on a number of variables and important questions: function, prestige, literary heritage, acquisition, standardization, stability, grammar, lexicon, phonology, the difference between diglossia and standard-with-dialects, extend of distribution in space , time and in various language families, and finally what engenders diglossia and what conditions favor its development (p. 11).

Apesar de apresentar o conceito de diglossia restrito a diferentes variedades de uma mesma língua, Ferguson (1964) reconhece a dificuldade de se medir uma distância lingüística e de se identificar duas variedades como pertencentes a uma mesma língua ou como línguas diferentes.

Assim, quando pensamos na situação lingüística dos judeus na Europa, na Alemanha, ou mesmo na Palestina, não podemos deixar de observar todas estas questões, uma vez que não só viviam numa situação de diglossia, mas também numa situação de multilinguismo. O complexo mundo lingüístico judaico, no qual, além da língua oficial do país em que cada comunidade se fixava, usava-se a língua da religião (hebraico) e com o tempo acabava desenvolvendo-se uma língua intermediária, como é o caso do iídiche e de outras línguas judaicas. Deste modo, o universo lingüístico se dividia entre a língua de negociação (a língua oficial do estado), a língua sagrada (da religião, usada nas festividades religiosas, nas sinagogas e a língua do livro sagrado – a Torah) e, por fim, a língua do dia-a-dia, a língua de menor prestígio, a língua usada no âmbito familiar.

Curioso pensar que tanto a variedade menos prestigiada quanto, numa situação de bilingüismo ou multilinguismo, a língua referente ao âmbito familiar serem as menos prestigiadas. Claro que este fato se deve a uma série de fatores sociais, políticos e históricos, mais que lingüísticos. Contudo, um aspecto cultural, parece bastante relevante, o fato de a língua materna e a variedade (low) ser a variedade que mais se relacionam com nosso campo afetivo.

Nossa cultura tende a valorizar a razão em detrimento da emoção. Não, por acaso, numa situação em que há mais de uma língua para representar as esferas da vida cotidiana (uma língua para a religião, uma para o uso profissional, econômico, e uma para a esfera particular e familiar, por exemplo), a língua referente à esfera afetiva, familiar e religiosa podem assumir, numa escala hierárquica uma posição inferior em detrimento da língua da “razão”.

De acordo com Christine Revuz (1998), “... o recorte que a língua materna opera no referente está sempre provido de uma carga afetiva... (p.223)”, a língua

estrangeira (não materna) “vai confrontar o falante com um outro recorte do real, mas, sobretudo, com um recorte em unidades de significação desprovidas de sua carga afetiva” (p. 227). Deste modo, “aprender uma língua é sempre, um pouco, tornar-se um outro” (p. 227). Estas afirmações de REVUZ inquietam-nos, no sentido de que conviver com diferentes unidades lingüísticas (seja com línguas diferentes, ou variedades diferentes de uma mesma língua, ou ainda com dialetos diferentes) implica sempre, de certo modo, fragmentar nossa vida, hierarquicamente, delineando claramente a escala de cada aspecto de nossa experiência, também por meio da variedade, língua ou dialeto que usamos.

No caso de Alterman, como veremos, escrever e falar hebraico (não apenas o hebraico clássico, mas o hebraico moderno) implica, não somente, numa escolha política, mas também revela uma identificação afetiva. Uma identificação com seu povo, com ideais comuns a um grupo e também com sua própria família, uma vez que seu pai fez do magistério da língua hebraica uma opção de vida. Neste caso, a língua hebraica é para o autor, não apenas um veículo de comunicação que representa uma variedade (alta ou baixa), mas, sobretudo, a língua que melhor desenvolveria o sentimento de pertencer à cultura, à comunidade. E os próprios textos do autor, mesclando, variedade padrão com elementos de variedades menos prestigiadas (estrangeirismos, arcaísmos, expressões modernas etc.) funcionam como instrumentos que traduzem os sentimentos de deslocamento em relação à comunidade de origem. Este sentimento de deslocamento, como veremos adiante, não se refere apenas aos problemas vividos pelo autor na terra onde nasceu, mas com todos os judeus da Europa que não se sentiam parte da comunidade onde viviam, experimentando uma constante sensação de deslocamento. Tendo que escrever em línguas de culturas e povos com os quais não se identificavam, ou mesmo, pelos quais eram perseguidos. Na seqüência, analisaremos o poema, conforme proposto, ampliando esta discussão. Contudo, além do termo “deslocamento” também usaremos o termo desterritorialização.

#### O POEMA *AGADÁ 'AL YELADIM SHENADDU BAYARUT*

“Impossibilité de ne pas écrire, parce que la conscience nationale, incertaine ou opprimée, passe nécessairement par la littérature (“la bataille littéraire acquiert une justification réelle sur la plus grande échelle possible)” (DELEUZE e GUATTARI).

De acordo com DELEUZE e GUATTARI (1975), uma das características de uma literatura menor é seu caráter político. Uma literatura, que é, antes de tudo, um instrumento de luta por um “lugar”, ao mesmo tempo em que implica em si uma desterritorialização.

L'impossibilité d'écrire autrement qu'en allemand, c'est pour les juifs de Prague le sentiment d'une distance irréductible avec la territorialité primitive tchèque. Et l'impossibilité d'écrire en allemand elle-même, minorité oppressive qui parle une langue coupée des masses, comme un 'langage depapier' ou d'artifice, à plus forte raison les juifs, qui, à la fois, font partie de cette minorité et en sont exclus, tels (...). Bref, l'allemand de Prague est une langue déterritorialisée, propre à d'étranges usages mineurs. (1975, p. 30).

Ao contrário da situação vivida pelos judeus alemães, que alternavam entre o uso do Iídiche e do Alemão (o Iídiche era a língua materna e o alemão a língua standard), Alterman escreve numa língua que mantém seu status pela via religiosa, e que ainda não é uma língua oficial. Tão pouco tem prestígio fora do âmbito religioso e judaico. Neste sentido, continua sendo uma língua menor em relação às línguas oficiais dos países europeus que ainda abrigavam milhares de judeus, e do próprio árabe e inglês (árabe, língua oficial (variedade alta) na Palestina e o Inglês, língua do “colonizador”, Inglaterra). Contudo, essa relação de hierarquia é variável. Se, por um lado, em relação às línguas européias, o hebraico representa uma variedade baixa, em relação a outras línguas judaicas, representa uma variedade alta, principalmente, tendo em vista o momento histórico e os ideais sionistas. Porém, em relação ao hebraico bíblico, o hebraico de Alterman volta a representar a variedade baixa. Isto, porque, primeiro, muitos judeus religiosos não aceitavam que o hebraico fosse falado e usado fora do âmbito religioso, uma vez que é visto, por eles, como língua sagrada. Por outro lado, por que muitos judeus imigrantes não acreditavam na funcionalidade do hebraico como língua moderna (falada), preferiam, por exemplo, o iídiche e, por fim, porque o poeta usava, irreverentemente, elementos da língua cotidiana em seus textos. Neste caso, vemos que também nesta situação, a literatura e a língua hebraica que despontam neste período requerem, não apenas uma desterritorialização, mas uma reterritorialização.

Os textos de Alterman, como estão impregnados de conteúdo político e ideológico, a própria escolha da língua hebraica para escrever e publicar seus poemas demonstra isso, funcionam como uma bandeira política. Um instrumento de



reterritorialização. Uma vez que, mesmo ainda não havendo um estado, as comunidades judaicas na Palestina já se comportavam como uma nação. Escrever em hebraico, dentro do contexto histórico em que o poeta estava inserido era fazer todo um movimento de deslocamento. Se durante todo o período de exílio, os judeus mais cultos (letrados) escreviam em hebraico como uma forma de unidade entre eles, a língua funcionava como um elo que os unia, assim como a tradição, religião e cultura, na época de Alterman, escrever em hebraico significava mais que uma estratégia de coesão (referência), representava um modo de se posicionar em relação à situação dos Judeus no mundo, e, principalmente, na Alemanha.

O poema, cuja tradução literal para o português é “Lenda sobre crianças que vagavam pela floresta”, tem uma intertextualidade explícita com um dos contos mais famosos dos irmãos Grimm que, em português, é mais comumente conhecido como a história de “Joãozinho e Maria”. O conto narra a história de dois irmãos que são expulsos de casa pela madrasta e que se perdem na floresta. São capturados por uma bruxa que os alimenta a fim de que engordem para comê-los. O poema de Alterman começa explicitando esta intertextualidade:

אגדה גרמנית מספרי אחים גרים

על אודות בן ובת שתעו ביער

<sup>2</sup>על דבר הנגל וגרטל, על שני מהגרים

De acordo com Nancy Rozenchan,

Alterman faz uso, neste poema, de motivos que poucos ousavam utilizar então na poesia para adultos: histórias e temas infantis. Este uso foi central em várias de suas obras, sem que ele buscasse nisto finalidades cândidas ou didáticas. Lendas infantis, aparentes reflexos de uma natureza harmônica, nada têm de perspectivas tranqüilizadoras: a madrasta, na história de Joãozinho e Maria, quer se livrar das crianças indesejáveis; a bruxa (...) pretende devorá-los. (2004, p. 77).

Tanto ROZENCHAN quanto HIRCHZON destacam o valor dos contos de Grimm para a sociedade alemã. Para estas autoras estas lendas infantis eram usadas na

---

2 Tradução: “ Uma lenda alemã dos livros dos irmãos Grimm sobre um menino e uma menina que vagavam pela floresta, sobre Joãozinho e Maria, sobre dois imigrantes, ...” (Rozenchan, 2004. p.76)

Alemanha, há séculos, para alertar e educar as crianças sobre os perigos das florestas e de estranhos, entre outras coisas. HIRCHZON comenta que os contos populares reunidos e adaptados pelos Grimm expressam os conflitos, a angústia e a turbulência da esfera psíquica das pessoas que viviam no período pré-Revolução Francesa (meados do século XVIII). “Longe de ser a invenção arbitrária de uma imaginação coletiva, os contos, pertencentes sempre a um fundo de cultura popular que os camponeses foram acumulando através dos séculos, expressam uma realidade nua e crua” (HIRCHZON, 1989, p.63). Que realidade era esta? Para a maioria das pessoas a vida na aldeia significava uma luta brutal pela sobrevivência, o que implicava escolher entre duas alternativas: sair pelo mundo em busca de comida e melhores condições de vida, ou fixar-se no campo e enfrentar as duras dificuldades de aí se manter. Ambas alternativas implicavam em perigo, em uma luta constante pela sobrevivência, numa época em que grande parte das crianças não chegava à fase adulta, e em que as madrastas se alastravam pela Europa.

Para HIRCHZON, “o conto não apenas proporciona divertimento, mas dramatiza a luta pelos recursos escassos que opunha os pobres aos ricos, os ‘pequenos’ aos ‘grandes’. Apresenta um mundo duro e perigoso, tendendo, na sua maioria, a sugerir cautela” (1989, p. 64).

No poema de Alterman, percebe-se a relação estabelecida entre Joãozinho e Maria e os judeus na Europa, sobretudo na Alemanha, perseguidos pelo anti-semitismo e pelo Estado alemão; assim como a relação direta entre o Terceiro Reich e a Bruxa que devora criancinhas.

שגרשום אל היער, ללק גרגים,  
בלילה, בפחד, בסער.

– ודברה האחות וקולה חרישי  
הס נא, הס, אח קטן, אל תבכה נא בן-חיל  
כי גדול וחזק הוא הריך השלישי  
כי אפילו תותחים יש לריך השלישי  
הוא טורף ילדים  
שבוכים בליל<sup>3</sup>.

---

3 ... expulsos da floresta, para colher grãos de noite, com medo, na tempestade. E falou a irmã numa voz surda: - apresse-se, apresse-se, irmãozinho, não chore, corajoso. Porque é grande e forte o Terceiro Reich, porque milhares de canhões tem o Terceiro Reich, devora criancinhas que choram de noite.

Este aspecto explícito do texto do poeta torna-o ainda mais irônico. Como esta história é parte do folclore alemão e, “ao ser abordada como lenda, proporciona uma dimensão ainda mais fantasmagórica. (...) se se trata de uma lenda, o que ela aborda perdeu-se no tempo, pertence a um passado remoto e não deve ser estendida a um fato verdadeiro” (ROZENCHAN, 2004, p. 78). Porém, nenhum leitor da época deixaria de perceber o tom sarcástico utilizado, principalmente, quando o nome das personagens que representam o povo judeu, são nomes alemães comuns: הגרל וגרטל (*Rangel* e *Gürtel*). Para Nancy Rozenchan, é possível até que o poema tenha sido publicado na mesma página do jornal em que as medidas nazistas eram anunciadas.

De acordo com ROZENCHAN, a lenda mencionada no poema, mesmo se referindo, diretamente, às “expulsões da Alemanha”, reflete a memória de todas as expulsões que o próprio autor sofreu, e de que, analogamente, o povo judeu foi vítima durante a história.

HIRCHZON argumenta que “os contadores de história camponeses não achavam as histórias apenas divertidas, assustadoras, ou funcionais. Achavam-nas “boas para pensar”. Reelaboravam-nas à sua maneira, usando-as para compor um quadro de realidade...” (1989, p.64). Embora Rozenchan afirme em seu texto que o poema de Alterman, ao contrário das histórias infantis, não têm um caráter educativo, acreditamos que a poesia de Alterman “faz pensar”, afinal, aponta para uma realidade dura e crua cuja questão principal é a sobrevivência. O poeta reproduz, nesta poesia, a atmosfera sombria, de desconfiança, incerteza e medo que há na obra dos Grimm com um grau ainda maior de terror, considerando-se que se trata de uma cadeia de fatos reais e atuais.

O trecho seguinte do poema mostra bem a atualidade da questão (não por acaso, ser escrito para uma coluna de jornal), o poeta reflete bem a insegurança dos judeus em relação à situação na Alemanha, assim como em toda Europa, e à sua esperança de encontrar abrigo em outro país.

והאח הקטן האזין ונדם

ודברה הילדה: עוד מעט ונגיע

עוד ישנן ארצות נפלאות בעולם

עוד ישנם פרלמנטים טובים בעולם

<sup>4</sup>והרבה מלאכים ברקיע

Segundo ROZENCHAN, o poema em questão é reflexo de uma série de acontecimentos que antecedem o Holocausto, e que abalaram extremamente a vida dos Judeus na Europa: campanhas anti-semitas, retirada das licenças de trabalho de médicos e de advogados judeus, alterações dos nomes próprios, carimbo da letra “J” nos passaportes, expulsão dos judeus poloneses da Alemanha sem direito à entrada na Polônia, a “noite dos cristais” e, por fim, proibição às crianças judias de freqüentarem as escolas públicas alemãs. “O problema de imigrar sem que haja qualquer país que abra suas portas é aqui estruturado sobre a história de Joãozinho e Maria, dos irmãos Grimm, que são expulsos pela madrasta e obrigados a vagar pela Floresta” (2004, p.76).

והנה מרחוק אור לפתע רעד.

הנה שער. השנים דופקים על השער

,לספור עוד אין סוף ומלאך לא ירד,

!ישרק עם אחד! ריך אחד! פירר אחד

.למול ילד אחד בוכה ביער

A última estrofe do poema remete a uma espécie de suspense, não há uma resposta, não há um final para a história, mas sim uma interrogação sobre o futuro do povo Judeu. Ironicamente esta interrogação é preenchida pelo Holocausto.

Até aqui, temos tratado principalmente da questão ideológica presente no poema, justamente porque este poema, ao contrário de vários outros publicados no *Regaim*, têm características bastante formais. Há inclusive o uso de formas arcaicas, como, por exemplo, no décimo segundo verso, a forma ליל - *layl*, ao contrário de לילה-*laylah* (noite), que é a forma, comumente usada. *Layl* é uma forma arcaica, encontrada poucas vezes no texto bíblico. No hebraico bíblico, segundo alguns gramáticos, era comum a supressão do a (h) ה final em algumas expressões ou sintagmas adjetivais.

---

E o irmãozinho ouviu e calou

e disse a menina: logo, logo chegaremos.

Ainda existem países maravilhosos no mundo,

ainda há parlamentos bons no mundo

e muitos anjos no céu. (ROZENCHAN, 2004)

5 E eis que de longe uma luz repentina tremulou.

Eis uma porta. Ambos batem à porta.

A história ainda não tem fim e um anjo não desceu,

Há somente um povo! Um Reich! Um Führer!

Diante de um menino

que chora na floresta.

כי גדול וחזק הו הריך השלישי  
כי אפילו תותחים יש לריך השלישי  
הוא טורף ילדים  
שבוכים בליל

Outras formas do hebraico bíblico também são usadas, como, por exemplo, a partícula הנה (*hineh* – eis). Em:

והנה מרחוק אור לפתע רעד.

Percebe-se, assim, neste poema a mistura de dois universos distintos, justapostos pela linguagem: a língua sagrada do povo judeu em contraste com a narrativa e os termos próprios da cultura alemã – Reich, Führer, parlamento (פירר, ריך), (פרלמנטים). E, nisto talvez consista o caráter mais irônico do poema *Agadá 'Al Yeladim Shenaddu Bayarut*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É, realmente, muito difícil em um trabalho de fôlego tão curto, conseguir esgotar, ou mesmo discutir de forma mais abrangente, as características e possibilidades da obra de Alterman. Não era essa nossa intenção, embora a pesquisa para este estudo tenha despertado um grande interesse pelo autor e sua obra.

Com relação à teoria de FERGUSON, acreditamos que há outros poemas do poeta que, talvez, até pudessem ter sido mais adequados para se discutir a questão da diglossia, contudo, o caráter político e ideológico deste poema em especial nos despertou tanto interesse que não poderíamos tê-lo deixado de lado.

Este estudo nos fez perceber o quanto o campo da sociolinguística, particularmente, dos estudos relativos à diglossia e ao multilinguismo, são amplos e complexos; como a língua reflete os problemas e conflitos de uma dada comunidade. Também podemos compreender o papel da literatura para os estudos da sociolinguística e da diglossia, assim como para uma atitude politizadora. A literatura, sobretudo uma literatura menor, com seu caráter político e ideológico representa importante papel para a sociedade da qual faz parte.

Neste trabalho, compreendemos a importância de Alterman para a literatura israelense. Descobrimos e comentamos o papel da literatura infantil para sua obra, assim como dos ideais sionistas para sua visão política e literária.

Finalmente, por meio das leituras gerais sobre a diglossia judaica durante vários períodos da história, percebemos o complexo universo lingüístico do qual as comunidades judaicas espalhadas pelo mundo, em diferentes momentos e fases de sua existência, fizeram parte e como isto influenciou os rumos e características de sua cultura, língua, literatura e história.

## BIBLIOGRAFIA

ALTERMAN, N. 'Agadá ' al ieladim shenaddu bayarut'. *Regaim. Haaretz*. Palestina, 29/11/1938.

DELEUZE, Guilles e GUATTARI, Félix. Qu'est qu'une littérature mineure ? In: KAFKA. *Pour une littérature mineure*. Paris: Les Édition de minuit, 1975.

FERGUSON, Charles A. Diglossia – Word. In: HYMES, Dell. *Language in Structure and language use*. Califórnia: Stanford, University Press, 1964. p. 1-26.

FISHMAN, J. A. Bilingualism with and without Diglossia, Diglossia with without Bilingualism. In: *Journal of Social Issues*. v. 23, n.2, 2004, p.29-38.

GILMAN, Sander. *Jewish Self-Hatred: Antisemitism and the Hidden Language of the Jews*. Baltimore, London: Johns Hopkins University Press, 1986.

GUINSBURG, J. *Quatro mil anos de poesia*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

HIRCHZON, Cecília Montag. Os contos de Grimm. In: *Herança Judaica*. Tradução do Alemão por Tatiana Belinky. n. 76, p. 63-65. São Paulo: Editora B' nai Brith, dez – 1989.

NOGUEIRA, Cléris Regina. *Padrões de Prestígio e Variação fonológica no Árabe dos noticiários radiofônicos*. (Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de

Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP). São Paulo: FFLCH-USP, 2005.

REVUZ, Christine. A Língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco de exílio. In: SIGNORINI, Inês (org). *Língua(gem) e identidade*. Campinas: FAPESP/Unicamp/ Mercado das Letras, 1998. (p. 213-230).

SCHIFFMAN, H. Power and Prestige. In: <http://ccat.sas.upem.edu/~haroldfs/messeas/diglossia/handbuk.html> (25/01/1999). Disponível em 02/10/2006.